

POÉTICAS VISUAIS, MÚSICA E MEDIAÇÃO: PERSPECTIVAS E AGENCIAMENTOS ENTRE A BANDA, A CIDADE, A RÁDIO

**AUTOR MÁRCIO FARIAS DE MELLO¹; ORIENTADORA RENATA AZEVEDO
REQUIÃO²**

¹Universidade Federal de Pelotas – marciomello2123@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ar.renata@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Artes Visuais e Música, são campos de fazeres artísticos próximos que mantém, ao mesmo tempo, muita distância, tanto do ponto de vista de sua participação em questões que aporta ao Sistema das Artes, consideradas aí produção, recepção e “pensamento artístico”, em cada campo, quanto das linguagens, tipologias, questões, com que cada um se envolve. Especificamente, cada uma dessas expressões, cada campo de produção, com sua pluralidade expressiva, deposita enorme centralidade na figura do artista, aquele que engendra a criação, faz existir o objeto artístico em si (a obra, o trabalho), como uma espécie de catalizador de tudo aquilo que brota de sua ação.

Há de se considerar, também, nesse circuito, a receptividade do espectador/ouvinte na construção de um “imaginário”, a partir da obra/trabalho realizado, proposto, apropriado a partir dos campos da Artes Visuais e da Música. A produção da Arte, nesses dois subsistemas, gera amplas relações estéticas, nas quais “a intenção do artista não está dissociada da intenção da obra, assim como essas duas não estão dissociadas do contexto que dá lugar a [certo] evento artístico” (VINHOSA, 2011).

Tais questões consideradas, interessa a este trabalho, alocado na Linha de Pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética, do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, desta Universidade. Pensar na complexa relação entre a produção da arte e sua recepção, requer apontarmos para essa relação feita da participação dos elementos: artista, obra e receptor, destacando a produção de um determinado trabalho, as potências dessa recepção, e a presença de um elemento midiático, no caso o rádio, tudo sendo alinhavado pelas questões da mediação.

Em ambos campos artísticos (artes visuais e música), se associa o “processo curatorial”, no expor e no divulgar, e é na intersecção entre eles que se reconhece a importância da “mediação”. Tal termo é bastante reconhecido em ambos campos, e pode ser entendida como uma

Prática cultural que absorve diferentes discursividades. Relação institucional e/ou econômica, cujos modo e periodicidade reorientam a intencionalidade artística de um tipo de produtor cultural (por exemplo, o escritor). (SIGNATES, 1998)

Assim, abre-se o caminho para se pensar a Música e Artes Visuais como campos de fazeres artísticos que podem ser veiculados através de múltiplas plataformas, contribuindo para a construção do imaginário das culturas locais.

O trabalho que pretendo desenvolver, nas considerações que faz sobre a recepção, em vista das questões levantadas pela “mediação”, parte de alguns princípios genéricos, presentes em exposições de Artes Visuais, tanto em suas

tipologias mais tradicionais, quanto na arte da *Performance*, arte híbrida por si só, colocando essa em destaque. Através da atividade profissional que desempenho a mais de 10 anos frente a supervisão, operação e locução de uma rádio vinculada ao entretenimento, que opera em rede nos estados do RS e SC, pretendo trazer a questão da “mediação”, que esse veículo de comunicação, exerce para a comunidade em geral, e para a comunidade musical em particular. Tal papel nos faz pensar na mídia rádio de forma ampliada, para além portanto da ideia de mera reprodutora, e sim:

como mediador cultural, especialmente em relação à indústria da música. Mesmo quando se critica a forma como essas indicações foram realizadas, reforça-se o imaginário que determina o rádio como tal agenciador. (GAMBARO, 2016)

No campo da comunicação, o meio rádio, ao longo de sua existência, e desde sua ascensão como veículo de massa, esteve ligado à real mediação entre o público/ouvinte e a produção da indústria fonográfica, aproximando o mesmo dos músicos e bandas que se destacam na programação difundida. Uma mesma relação pode ser evidenciada, porem, entre as bandas suas músicas e a cidade, em uma relação poética: Frank Sinatra cantou românticamente *New York, New York*, no final anos 70, enaltecendo as características da cidade norte-americana, Caetano descreveu São Paulo, na composição *Sampa*, em 1978, bandas como O Rappa, que trazem, em suas composições, críticas ao modo de vida nos subúrbios e favelas, espelhando as desigualdades nas grandes metrópolis e por fim uma referencia próxima em que Vitor Ramil canta e escreve a “Estética do Frio” que paira na relação desse artista com a cidade de Pelotas, RS.

Por minha experiência na rádio, pude perceber algumas significativas relações entre essas poéticas fonográficas locais e a cidade de Pelotas, e assim, pretendendo estreitar tais relações, nas circunstâncias de nossa cidade de Pelotas.

Trazendo à tona questões discutidas no campo das Artes Visuais, como a estética, as poéticas do cotidiano, processo de criação, contextos urbanos de criação, aspectos nos quais sociedade e cultura se entrecruzam, meu foco de estudo inicial recai sobre a produção fonográfica e estética, e mesmo o que chamamos de “circuito performático” da banda Freak Brotherz, associando-a à cidade de Pelotas. Estudarei especificamente a produção musical dessa banda, seu entorno criativo, sua potência na produção de sentidos, e assim, a partir desse direcionamento, o trabalho acaba incorporando certo cunho sociológico e antropológico, a ser confirmado.

Há algumas questões sonoro-musicais bem específicas que pretendo explorar, como aspectos vinculados à “paisagem sonora”, segundo SÁ, 2010, *soundscape*, e outros vinculados ao rádio, como essa mídia que se baseia nas potencialidade da mediação como forma de desenhar essas poéticas do cotidiano.

A banda Freak Brotherz, com seus integrantes naturais e residentes em Pelotas, completa 20 anos de carreira no ano de 2018. Possui um vasto material fonográfico, audiovisual (videoclipes e documentário sobre a história da banda), além de produção de eventos especializados (mostras de música autoral – Freak Festival), e de participações em festivais (festivais locais como FECANPOP da cidade de Canguçu e Skol Rock de âmbito nacional), e em projetos vinculados à Prefeitura Municipal, através da lei de Incentivo à Cultura. Mantendo-se ativa até os dias de hoje, sua farta produção e presença, tendo o pano de fundo as

questões da própria cidade na produção fonográfica da Banda, é o maior interesse deste trabalho.

A banda produz música dentro de uma perspectiva que vai do gênero rock, com influências de rap, ao funk, hardcore e música brasileira. Falar de gênero em música popular hoje é como falar de linguagem em Artes Visuais: aponta-se para a pluralidade. Na sua formação básica encontram-se os irmãos Ferreira, com Danilo Ferreira no vocal, e Solano Ferreira como baixista. Ainda fazem parte da formação recente, e que também é a mais logeva, Rodrigo Santos na guitarra (há 11 anos na banda), e Clóvis Renato na bateria (há 10 anos na banda).

Pretendo que este trabalho possa olhar para a banda, para além de suas músicas, em sua *performance* mais ampla, incluindo naturalmente aí sua própria formação, os shows, sua presença na cidade. Em suas principais composições, a banda se manifesta criticamente frente à vida urbana na cidade de Pelotas. O que afeta diretamente sua produção musical, reforçando a ideia de *performance*, ou seja, a sua sonoridade envolve uma espécie de ressonância da vida cotidiana. Talvez com[ondo certa “paisagem sonora” da cidade, que nesse caso, “pode se referir tanto a uma composição musical” (SÁ, 2010), como a participação em “um programa de rádio, a um ambiente acústico mais amplo tal como o polifônico espaço urbano da metrópole” (SÁ, 2010).

2. METODOLOGIA

O trabalho em questão ainda está sendo efetivado, e está buscando uma metodologia compatível com a linha de pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética do PPG - AV. Dentro dessa perspectiva, em relação aos levantamentos teóricos e análise do veículo rádio como agenciador/mediador da banda Freak Brotherz, assim como para lidar com a relação estética entre a banda e a cidade trarei à tona o campo da Etnografia da Música, com metodologia que busca a “...escrita sobre as maneiras que as pessoas fazem música. Ela deve estar ligada à transcrição analítica dos eventos, mais do que simplesmente à transcrição dos sons. Geralmente inclui tanto descrições detalhadas quanto declarações gerais sobre a música, baseada em uma experiência pessoal ou em um trabalho de campo. As etnografias são, às vezes, somente descritivas e não interpretam nem comparam, porém nem todas são assim.” (SEEGGER, 2008)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Devido a meu ingresso recente no PPG - Artes Visuais, e também devido a mudanças profundas no projeto inicial para o desenvolvimento do Projeto de Pesquisa, não há, ainda, resultados plausíveis. Porém destaco a relevância da pesquisa, associada à abordagem e aos campos de pesquisa já existentes, que permitirá trazer à tona a consistente produção da banda Freak Brotherz, marcadamente a partir das relações poéticas, ancoradas na vinculação que tem com a cidade de Pelotas.

Vitor Ramil propôs a “Estética do frio”, apontando para a relação estreita de seu trabalho com o lugar em que vive. A partir de suas considerações em ensaio de mesmo nome, sugiro aqui a relação da banda de rock Freak Brotherz com a cidade de Pelotas. Trago também para a discussão a questão do agenciamento/mediação pela qual essa relação da banda com a cidade é difundida/mediada através desse meio de comunicação.

4. CONCLUSÕES

O projeto em questão associa a produção musical de uma banda local à potência de sua expressão local. A partir de questões e abordagens da área das poéticas, evidencia-se a relação da cidade com o trabalho autoral dos irmãos-artistas, “artistas-autores”, como sugere minha orientadora Renata Requião. A mediação do rádio, especificamente quanto ao trabalho dessa banda, é um desdobramento do trabalho, que permitirá acessar a ideia de o rádio ter uma característica de “mediação artística”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VINHOSA, L. **Obra de arte e experiência estética: arte contemporânea em questões**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

SÁ, S.P. de. A trilha sonora de uma história silenciosa, som, música, audibilidades e tecnologias na perspectiva dos estudos de som. In: SÁ, S.P. de (Org. Simone Pereira de Sá) **Rumos da Cultura da Música, Negócios, Estéticas, linguagens e audibilidades**. Porto Alegre: Sulina, 2010. Cap. 3, p. 91- 109.

GAMBARO, D. Curadoria Smart: reflexão sobre o papel do rádio na relação com a indústria musical. In: **INTERCOM**, 35º, São Paulo, 2016. Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. São Paulo, 2016.

RAMIL, Vitor. **A Estética do Frio**: conferência de Genebra. Porto Alegre, RS: editora Satolep, 2004.

SEEGER, A. Etnografia da Música. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 17, p. 1-348, 2008.

COHEN, Renato. **Performance como Linguagem**: criação de um tempo-espço de experimentação. 1ª edição, São Paulo, SP: editora perspectiva, 2002

SIGNATES, L. Estudo sobre o conceito de mediação. **Novos Olhares**, São Paulo, número 02, pag. 37 – 49, 1998.